



MIL MEMÓRIAS ROUBADAS E (DES)ARQUIVADAS DE SILVIANO SANTIAGO: SOMOS O QUE SOMOS PORQUE NOS TORNAMOS UM

Pedro Henrique Alves de Medeiros¹
Edgar César Nolasco²

Resumo: Este trabalho tem por objetivo ler o romance *Mil rosas roubadas* (2014) de Silviano Santiago a partir, essencialmente, do conceito de memória não enquanto lembrança, mas como esquecimento. Para isso, me utilizo de uma metodologia eminentemente bibliográfica assentada na Crítica biográfica fronteiraça que, em linhas gerais, congrega tanto os estudos pós-coloniais quanto os crítico-biográficos. Ademais, procuro estabelecer interrelações entre o meu *bios* e o de Silviano na medida em que erigimos nossos discursos atravessados por uma condição *homo-biográfica* da exterioridade além de, sobretudo, pensarmos e escre(vi)vermos a partir de *loci* subalternos e marginalizados: o Brasil, a fronteira-sul e as Minas Gerais.

Palavras-chave: Silviano Santiago. *Mil rosas roubadas*. Crítica biográfica fronteiraça. Memória. Exterioridade.

A THOUSAND STOLEN MEMORIES AND (UN)ARCHIVED OF SILVIANO SANTIAGO: WE ARE WHAT WE ARE BECAUSE WE BECOME ONE

Abstract: *This work aims to read Silviano Santiago's novel Mil rosas roubadas (2014) based, essentially, on the concept of memory not as a remind, but as forgetfulness. For this, I use an eminently bibliographical methodology based on the Frontier biographical critique, which, in general terms, brings together both Postcolonial Studies and Critical-biographical. Moreover, I try to establish interrelations between my bios and that of Silviano insofar as we erect our discourses crossed by a homo-biográfica condition of the exteriority beyond, above all, to think and to escre(vi)ver from subaltern and marginalized loci: Brazil, the southern border and Minas Gerais.*

Keywords: *Silviano Santiago. Mil rosas roubadas. Frontier biographical critique. Memory. Exteriority.*

1 Mestrando no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens – FAALC/UFMS. ORCID: 0000-0001-5872-1626. E-mail: pedro_alvesdemedeiros@hotmail.com.

2 Professor na graduação em Letras e no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens – FAALC/UFMS. ORCID: 0000-0002-8180-585X. E-mail: ecnolasco@uol.com.br.

A memória subalterna, assim como as histórias locais da fronteira-Sul, precisam ser tomadas, cada vez mais, como uma “produção do conhecimento teórico”, crítico e epistemológico. [...] Todo o conhecimento e, por conseguinte, meu arquivo memorial vêm do fato histórico de eu ter/estar nascido numa condição [...] de fronteira. Minha língua, como minha memória da fronteira, é *diversa*. (NOLASCO, 2013, p. 143)

A partir do lócus sul-fronteiriço, geoistórico e epistemológico o qual erijo minhas reflexões críticas, ensejo, atravessado pela vida e obra de Silviano Santiago, debater acerca das concepções de memória por meio de alicerces teórico *outro*. Isto é, me valendo da teorização Crítica biográfica fronteiriça (NOLASCO, 2013), afasto-me das perspectivas pré-concebidas de memória enquanto lembrança para me aproximar mais desta como esquecimento (AMARAL, 2000) (CORACINI, 2010). Ademais, sob o crivo das memórias e narrativas, pontuo que discuto sobre e a partir de memórias *outras*, subalternas, fronteiriças e da exterioridade (NOLASCO, 2013).

Isso posto, utilizo o romance *Mil rosas roubadas* (2004), história de dois amigos-amantes: Zeca e Silviano, para evocar e trabalhar com as minhas memórias, com as de Silviano e, metamorfoseadas, com as nossas memórias *homo-biográficas*. O esquecimento, em meu fazer epistêmico, se dá como um ganho na medida em que compreendo a necessidade de (des)arquivar, exumar e invocar as histórias de sujeitos *homo-biográficos* excluídos pelas *narrativas universais patriarcais e heteronormativas*. Fundo um direito epistêmico da exterioridade para falar de mim por meio de Silviano, das nossas *Mil rosas roubadas* e, essencialmente, de nós. Zeca, Silviano e eu fundamos uma tríade de amigos espectrais simbióticos os quais tentamos, discursivamente, tamponar as faltas uns dos outros.

Essa (con)vivialidade com a minha plêiade de amigos-espectros me assola e me faz sentir falta de um tempo que (não) vivi, de transpor do crivo da memória, da anamnese e do esquecimento para narração, uma história que, inicialmente, não me pertence(ia). Desse modo, esquecendo para lembrar, disserto, escre(vi)vo e narro de modo biográfico-fronteiriço essas memórias roubadas daqueles autores que eu amo, pois, segundo Barthes: “O biografema [...] nada mais é do que uma anamnese factícia: aquela que eu atribuo ao[s] autor[es] que amo.” (BARTHES, 2003, p. 126, grifos meus). Herdo memórias sendo *fielmente infiel* (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004, p. 11) surpreendendo suas falhas, faltas, vazios, brancos, margens e contradições.

No prisma que concerne ao eu e ao outro, Adriana Amaral, no ensaio “Sobre a memória em Jacques Derrida” (2000), discorre que a narrativa, a escritura e a própria ideia de multiplicidade de possibilidades são constituídas por traços. Esses traços (de)marcam suas presenças com ausências e, assim, há uma constante inauguração de um presente sempre renovável. A memória, por si, é algo que se dá estritamente no presente, ela nunca está voltada para o passado. (AMARAL, 2000, p. 31).

Amaral me elucida que a ideia de passado não existe nas reflexões de Derrida, ele é sempre uma narração que se funda no presente. Ademais, da mesma forma que o passado se aproxima, a perspectiva do outro é integrada a mim, eu a incorporo, tomo-a como minha. O nome, a memória e a escrevivência se colocam como responsáveis da presença do outro em mim. (AMARAL, 2000, p. 35) Constituo-me de Silviano e de Zeca tal qual estes se constituem de mim. Evoco seus nomes e, por sua vez, suas figuras fantasmagóricas; através do exercício (des)arquiviolítico, (des)arquivo suas memórias incluindo-as em meu próprio arquivo da exterioridade e as inscrevo em meu corpo *homo-biográfico*, em minhas sensibilidades, em meu *bios* e em minha escrevivência alicerçada por memórias subalternas latinas (NOLASCO, 2013, p. 131) e, mais especificamente, sul-fronteiriças.

Poderia, eu, resguardado à minha condição de sujeito que pensa de um lócus subalterno e sul-fronteiriço crivado por uma subalternidade de homem-menino-fronteira me apropriar dessas memórias outras para constituir esses fragmentos da minha minibiografia ou, como diria Barthes, nos meus biografemas, pergunto-me. Maria José Coracini em “A memória em Derrida” (2010) me lembra que:

É importante compreender que, para Derrida, nem a memória individual é inocente, neutra, uma retomada da ordem intacta, pura, do acontecimento, em sua objetividade, ainda que esse acontecimento tenha sido vivido, presenciado, testemunhado... A memória será sempre interpretação, invenção, ficção que se constitui *a posteriori* do acontecimento, num momento que os outros já se cruzaram e fizeram história. Por essa razão, *a memória será sempre incompleta, sempre faltosa, de certa maneira sempre verdadeira e, ao mesmo tempo, mentirosa.* (CORACINI, 2010, p. 130, grifos meus).

Como mostra Coracini na passagem aposta, a memória é particularmente lacunar, faltosa, incompleta, verdadeira e, de maneira quase contraditória, também mentirosa. Partindo de um olhar pouco atencioso cindido ao trabalho que aqui ensejo, meu leitor poderia acreditar que eu estaria me valendo das minhas próprias memórias – faltosas e lacunares – para me debruçar sobre as memórias que *sobrevivem* o projeto

homo-bio-ficcional de Silviano da ordem da escrevivência *homo-biográfica*. Contudo, o caminho que realizo se dá ao inverso: o mineiro me serve de pretexto epistêmico para que eu fale de mim, de nós.

Silviano não possui domínio integral de suas memórias, assim como não tenho o pleno poder sobre as minhas – nem poderíamos tê-los. Elas nos escapam, se escondem, se guardam e se mantêm em suspensão. Logo, através do estabelecimento de pontes metafóricas por meio da crítica biográfica (SOUZA, 2002), entendo que há um imbricamento de nossas memórias as quais presentifico em uma possibilidade de escrevivência ensaística-sul-fronteiriça *homo-biográfica*. Roubo suas memórias (des)arquivando-as. Sou o guardião dessa(s) *arkhê(s)*. Aliás, metaforicamente, não há como roubar aquilo que já é meu/nosso e, como explicitou magistralmente Jorge Luis Borges, *só podemos dar aquilo que já demos, só podemos dar o que já é do outro*. (BORGES, 1999, p. 511).

Silviano só pode me dar as memórias que já são minhas e eu só posso lhe dar as memórias que já são suas. Ainda na esteira de Coracini, entendo que *a memória é um construto ilimitado de espectros, espíritos e fantasmas, de biografemas de sujeitos que atravessa(ra)m nossa existência e que corroboram com a construção dos nossos arquivos conforme o papel de cada um em nossa vida* (CORACINI, 2010, p.129). Há, portanto, uma criação de uma rede de fios emaranhados que se misturam, se confundem, se completam, se distanciam e que permanecem no nosso inconsciente. *Mil rosas roubadas elucidam:*

A memória do perseguidor-perseguido não é gratuita, é útil para o relato biográfico. Tão útil quanto a memória do canivete com que o corpo se autoflagela. É tão útil quanto a muleta que faculta ao aleijado a caminhada por conta própria. Mato a cobra e mostro o pau, eis como a biografia funciona. *Com a ajuda da memória do perseguidor-perseguido abro buracos na análise que faço da índole do amigo e os recubro*. Quando me bate o cansaço de escrever, volto os olhos para a memória do canivete que flagela, e os buracos tapados no texto reganham a proporção de vazio indesejável. Para reganhar o galeio da escrita, decido recobri-los de novo. (SANTIAGO, 2014, p. 147-148, grifos meus).

A memória se funda em esquecimentos, em recalques e repressões dado que não se faz possível a volta inocente às origens dos acontecimentos, pois ao tentarmos reconstruir um fato, este já se (trans)formou (CORACINI, 2010, p. 134). Lembrar implica esquecer. Selecionar supõe excluir. A memória, portanto, está sempre para o que está em suspenso no inconsciente e nunca para a lembrança. A questão de narrar uma

memória se torna ainda mais complicada quando o “alvo” da escrevivência afeta nosso sensível, como Zeca delineado por Silviano. Intermediados por uma admiração latente e um desejo de presença, Silviano e eu inventamos nossos espectros, ficcionalizamos nossas memórias e sobrevivemos a partir da vida para além da própria vida. A minha sobrevida e a de Silviano não são apenas o que nos resta, mas nossa vida sendo o mais intensa possível (DERRIDA, 2004, p. 17).

Diante disso, abalizado pela teorização da memória, entendo que ainda que o narrador do fragmento supracitado desejasse, não poderia jamais narrar o amigo de maneira *sine que non* como este fora. O outro existe para nós sempre a partir da imagem que criamos dele. Nesse sentido, reflito e compreendo que toda escrita de caráter biográfico possui uma visada monstruosa que a compreende. O biógrafo, e aqui neste caso, eu enquanto crítico-biográfico fronteiro, escrevo a partir das minhas sensibilidades, da minha escrevivência, das minhas memórias sul-fronteiriças e *homo-biográficas* faltosas, incompletas e falhas.

Evoco os espectros que me ajudam melhor a compreender minha empreitada epistêmica, vivo minha vida para além da vida e da morte e, na medida do possível, tampono minhas lacunas memorialísticas sob a alcunha de uma herança, de uma declaração amorosa, mas também política. Proponho, tal qual Italo Moriconi em “O espectro de Foucault” (2005), uma conversa com espectros (MORICONI, 2005, p. 47), um ensaio fronteiro de evocação e invocação inspirado pela herança de todos aqueles intelectuais que me vali. Meus espectros são meus espelhos. (MORICONI, 2005, p. 48).

Arrolo em meu exercício escreviente uma série de impressões que, como quer Moriconi, poderiam ser um punhado de ficções. Ficções estas que alimentam as relações metafóricas entre vida e obra que aqui descortino. Conforme Jacques Derrida explicita em *Otobiografías: la enseñanza de Nietzsche y la política del nombre propio* (2009), vivo do meu próprio crédito que abro e concedo a mim mesmo (DERRIDA, 2009, p. 36). Todavia, ao roubar o que, *a priori*, seriam memórias outras, tomo-as e escre(vi)vo-as a partir do nosso próprio crédito fundamentado em uma óptica *homo-biográfica* por excelência. Somos o que somos porque nos tornamos um e, nesse tocante, Moriconi ao escrever sobre Foucault pontua:

Toda biografia é mitografia. Toda biografia é autobiografia do narrador. Lerescrever [sic] a vida do outro espectral pode ser, deve ser, efetivamente é, exercitar-se numa escrita de si, releitura de si. As biografias de Foucault. Delas ressalta o caráter de signo autobiográfico inerente a toda história intelectual (auto-reflexionada, auto-distanciada)

de uma vidaobra [sic]. Minha formação: minha auto-reflexão na relação especular com o signo-a-si desta vidaobra [sic]. (MORICONI, 2005, p. 52).

A vida de Silviano (re)articulada sob a minha perspectiva de crítico biográfico fronteiro que habita a fronteira-sul, um arquivo vivo e aberto (NOLASCO, 2013, p. 136), é dada como uma escrita/releitura de mim. Para Moriconi, eu assumo o papel de narrador dessa vida outra. Entretanto, para o viés epistêmico o qual me assento, minha posição está para além de narrador, eu assumo essa vida, roubo-a, tomo-a para mim e me metamorfoseio a partir dela, transformando-a. Entendo, portanto, que só me valendo de uma teorização acerca da memória e narrativa posso lidar com essa herança espectral que me habita.

Sob a luz da concepção de que as nossas memórias são de caráter *homo-biográfico* e, por sua vez, da exterioridade, Nolasco em “Memórias subalternas da crítica latina” (2013), me relembra que é da competência do estudioso *abrir o arquivo oprimido para que as memórias esquecidas saiam do esquecimento e ocupem seu lugar de direito. Em uma situação de desconforto quanto ao arquivo que sofre do seu próprio mal, é de dever do crítico tomado pelo mal procurar o arquivo onde ele se esconde* (NOLASCO, 2013, p. 142). Reitero que as memórias *homo-biográficas* as quais tento (des)arquivar, partindo da posição de (des)arconte fronteiro, habitam a contracorrente da tradição ocidental moderna e patriarcal.

Sentimos a *diferença colonial* em nossos próprios corpos *homo-biográficos*, uma vez que experienciamos a fronteira em nossa pele (NOLASCO, 2013, p. 134) e em nossa escrevivência. Essa condição sul-fronteiriça aquilata nossa língua, pensamento, modo de construir conhecimento e, sobretudo, de (r)existir *homo-biograficamente*. Partindo do pressuposto *homo-bio-ficcional* de Silviano, ensejo (des)arquivar nossas memórias esfumadas pela tradição heteronormativa/moderna que sempre angariou a exclusão de nossos corpos, memórias e narrativas.

Às nossas memórias *homo-biográficas* jamais foi dada a devida consideração no sentido de tomá-las enquanto narrativas também válidas e necessárias. Em mim/em nós, há um desejo de *des-encobrir* (NOLASCO, 2013, p. 140), (des)arquivar, essas escrevivências enterradas pela modernidade colonial. Dirijo-me a Silviano com um desejo compulsivo de (des)arquivar sua/nossa vida e de narrar suas/nossas memórias subalternas. Aprendo a desaprender a vida de Silviano na tentativa de reaprender a minha própria vida. Habito e sou habitado por fronteiras em meu fazer epistêmico.

Nesse sentido, reitero sob a égide do pensamento de Adriana Amaral que *nada está pronto, tudo está sempre se fazendo, sempre a vir, a vida, o tempo.* (AMARAL, 2000, p. 42) A cada fronteira que transpasso no jardim de veredas memorialísticas que se bifurcam nas relações entre vida/obra de Silviano e entre minha própria vida/escrita, mais me vejo como (des)arconte fronteiro dessas memórias que me pertencem não me pertencendo ou vice-versa. No romance, Silviano se viu frente a uma necessidade de memória, de narrativa e de herança que, *a priori*, não seriam de sua incumbência – pelo fato de Zeca ser, inicialmente, seu biógrafo e não o biografado.

Desvirtuando a lógica narrativa do romance (biógrafo/biografado), eu construo essa incumbência (auto)biográfica e essas memórias, invento-as, tomo-as para mim sem pedir licença. Crivado, sobretudo na diferença, mas longinquamente semelhante ao professor de História do romance, alicerçado pela necessidade de memória de manter a herança que construí viva, dedico minha vida a escre(vi)ver não sobre a vida do outro, mas a *partir da* vida do outro que, caso um olhar mais sensível e profundo repouse-lhe os olhos, verás que, de certo modo, também é minha vida. *Mil rosas roubadas* me irrompem:

Só se capacita para ser biógrafo aquele que arroga a si – por capricho e autoritariamente – o direito à última palavra. A escrita biográfica não comporta balbúcio nem titubeio. Seu exercício flui naturalmente do próprio sangue de quem escreve. Inunda o coração, deságua na mente e, ao bater à porta das teclas do computador, já delegou às mãos o direito ao julgamento peremptório. (SANTIAGO, 2014, p. 67).

No que concerne ao entrelaçamento das nossas vidas, deleguei a mim enquanto crítico biográfico fronteiro fundamentado em uma herança que me foi dada e construída, o direito epistêmico de, através das minhas teorizações, deter uma última palavra, mesmo que provisória, à minha relação com Silviano e, conseqüentemente, com seu projeto *homo-bio-ficcional*. Parafraseando a obra de Frantz Fanon, *Os condenados da terra* (2006), entendo e aquilato a imagem espectral do meu Silviano enquanto um *condenado da/à memória*. O mineiro está preso na *rede de fios emaranhados* (CORACINI, 2010, p. 129) que constitui a memória e se vale desta como mote para *sobreviver* e escre(vi)ver. A memória nunca é algo resolvível em seu projeto *homo-bio-ficcional*, tornando-o seu escravo. Silviano trai, blefa e falsifica ao trabalhar com a memória.

Silviano expõe a possibilidade de delegação da memória a outrem e cita a figura do romancista como exemplo. Apesar de não conter “romancista” em minha biografia,

delego a mim, sob o crivo do papel crítico biográfico fronteiro herdeiro, as memórias e a vida desse, *a priori*, indivíduo, metamorfoseado em um nós espectral. Suponho saber sobre a vida de Silvano e, por sua vez, me encontro frente à minha própria vida de homem-menino-fronteira *homo-biográfico*. Diante disso, Elisabeth Roudinesco em “Escolher sua herança” (2004) expõe que *escolher a herança não quer dizer nem aceitar tudo, nem fazer tábula rasa* (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004, p. 09).

Partindo do pressuposto da herança, da memória e da *escrita de si*, Diana Klinger em *Escritas de si, escritas do outro* (2012) corrobora que *a memória não é mais um dispositivo de conservação de valores de classe, mas uma forma de testemunho e legado de uma geração atravessada por projetos de mudanças de valores* (KLINGER, 2012, p. 21). É justamente a partir desse interstício crítico que falo como herdeiro de Silvano, de mim, de nós. Estamos inseridos em uma trama de relações sociais que fundamenta a nossa *escrivência para um além de mim mesmo* (KLINGER, 2012, p. 21). Não possibilito pensar em um *eu sozinho*, somos sempre constituídos de muitos outros.

Por isso, como Derrida propõe, a herança se assemelha a uma eleição, seleção e decisão (DERRIDA; ROUDINESCO, 2013, p. 13). Penso a minha vida a partir dessa herança e não seu oposto. Construo meu Silvano espectral a partir de uma herança que me foi dada, vivo nossa vida (sobrevida) para além da própria vida ou, quiçá, um dia, da morte. Escolho preservar essa herança viva. Declaro a admiração, a dívida, o reconhecimento e a necessidade de ser *sempre fielmente infiel* (DERRIDA; ROUDINESCO, 2013, p. 14). Fundo-me em uma dívida dupla: sou responsável por aquilo que veio anterior a mim, mas, sobretudo, pelo que é da ordem do porvir. Herdar não quer dizer jamais uma incorporação cega, mas ser amigo-inimigo habitando a boa distância (política).

No que se refere à minha inscrição no trato crítico-biográfico de Silvano e o meu roubo quase que consentido, haja vista minha posição de herdeiro, Denilson Lopes explicita: “Para ampliar a afetividade no ato da pesquisa é necessário repensar o ato de escrita e sua relação com o sujeito pesquisador.” (LOPES *apud* KLINGER, 2012, p. 13). Proponho uma articulação biográfico-fronteira na qual me valho de um gesto *canibalizador, intercorporal*, sendo um-no-outro, *ontologista do íntimo*, que *rouba os relatos alheios* (PESSANHA, 2018, p. 33), não só os de Silvano, mas de todos aqueles que já li e herdei. Parafraseando Juliano Garcia Pessanha, coloco-me na posição de um *ladroão de relatos e de histórias, realizo mergulhos simbióticos na tentativa de ganhar um eu*. (PESSANHA, 2018, p. 95) É sendo o outro e eu mesmo que me vejo enquanto

pesquisador *homo-biográfico* tendo como o núcleo do meu narrável, das minhas memórias e autobiografia, a minha/nossa *transformação*. (KLINGER, 2012, p. 15).

Para Ricardo Piglia em *O laboratório do escritor* (1994), *a crítica é uma espécie de autobiografia* (PIGLIA, 1994), não há como falar do outro sem passarmos por nós mesmos, tal qual *Mil rosas roubadas* explicitam ao Silviano falar de si através de Zeca. Silviano é um pretexto para que eu recaia na minha própria história/narrativa *homo-biográfica*. Nesse contexto, Klinger ressalta que a *escrita de si* (KLINGER, 2012, p. 19) desponta como um sintoma do final do século e não é uma novidade para a literatura latino-americana, pelo contrário, sempre teve esse traço forte e marcado. Tomo *emprestadas as feridas e as dores* (PESSANHA, 2018, p. 20) de Silviano para me compreender e escre(vi)ver a partir da fronteira-sul que habito e sou habitado.

Retiro, portanto, na tentativa de uma possível conclusão dessa reflexão, qualquer traço do privado e exponho meus desejos e faltas de crítico biográfico fronteiro atravessado pela condição de *sujeito suposto saber* sobre a vida do outro que, no fim, resvala na minha própria vida: “[...] o que ele descobre [crítico biográfico] e interpreta na vida do outro é [...] algo que a crítica dessa natureza quer e precisa dizer.” (NOLASCO, 2010, p. 40). Interpelo as memórias de Silviano através da minha posição de herdeiro como tentativa de, no fim, encontrar-me com as minhas próprias memórias e, essencialmente, comigo mesmo: homem-menino-fronteira, *homo-biográfico* e escreviente atravessado pela falta, pelo desejo e pela transferência.

Referências

AMARAL, Adriana Cörner Lopes do. Sobre a memória em Jacques Derrida. In: GLENADEL, Paula; NASCIMENTO, Evando (Orgs.). **Em torno de Jacques Derrida**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000. p. 31-43.

BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo, 2003.

BORGES, Jorge Luis Borges. *Os conjurados*. In: BORGES, Jorge Luis. **Obras completas de Jorge Luis Borges**: volume 3. São Paulo: Globo, 1999. p. 511-563.

CORACINI, Maria José. Memória em Derrida: uma questão de arquivo e de sobre-vida. **Cadernos de Estudos Culturais**: crítica biográfica, n. 4, p. 125-136, jul./dez. 2010.

DERRIDA, Jacques. Estou em guerra contra mim mesmo. **Revista Margens/Márgenes**: Revista de Cultura, n. 05, p. 01-06, jul./dez. 2014.

_____. **Otobiografías**: la enseñanza de Nietzsche y la política del nombre próprio. Traducción de Horacio Pons. Buenos Aires: Amorrortu, 2009.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. Escolher sua herança. In: DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. **De que amanhã**: diálogo. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p. 09-31.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscara brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro**: o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

MORICONI, Italo. O espectro de Foucault. **Revista Margens/Márgenes**: Revista de Cultura, n. 06/07, p. 01-12, jul./dez. 2005.

NOLASCO, Edgar César. Memórias subalternas latinas. In: NOLASCO, Edgar César. **Perto do coração selbaje da crítica fronteriza**. São Carlos: Pedro&João Editores, 2013. p. 131-159.

_____. Políticas da crítica biográfica. **Cadernos de Estudos Culturais**: crítica biográfica, n. 4, p. 35-50, jul./dez. 2010.

PESSANHA, Juliano Garcia. **Recusa do não-lugar**. São Paulo: Editora UBU, 2018.

PIGLIA, Ricardo. **O laboratório do escritor**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Editora Iluminuras, 1994.

SANTIAGO, Silviano. **Mil rosas roubadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica cult**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.